



O que é e como identificar uma escola de qualidade?

Prof. Dr. Eduardo Pericoli Jr.

Muito se discute o que é uma educação de alta qualidade nas rodas de conversas entre pais, professores e até entre os próprios alunos, mas devemos buscar, como em toda ciência, parâmetros e dados que possam nos responder a essa pergunta. Para conversarmos hoje, trago esse texto com base nas palavras da jornalista estadunidense Amanda Ripley, em sua obra “As crianças mais inteligentes do mundo: e como elas chegaram lá”.

Para contextualizá-los, o livro conta a jornada da autora em acompanhamento a alunos provenientes dos Estados Unidos em intercâmbios do Ensino Médio em diversos países, como Finlândia, Coreia do Sul, Canadá, Polônia, entre outros. O objetivo dela era entender como tais países sempre figuravam como os primeiros colocados no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) e quais as suas diferenças em relação ao seu país.

Falando da nossa realidade, a brasileira, sempre figuramos entre os últimos colocados nos *rankings* internacionais de educação e os problemas são vários conhecidos – principalmente na educação pública –, mas como será que podemos identificar parâmetros de qualidade também na educação privada ou até mesmo aqui no Colégio Sion? O que nos leva a determinar que podemos identificar o oferecimento de uma educação de qualidade?

Olhando a autora citada acima e outros estudiosos da área, podemos chegar, segundo ela, a alguns pontos que nos ajudam a responder essa pergunta:

1. Devemos observar os estudantes em sua prática discente cotidiana, ou seja, professores e gestores escolares devem observar as aulas, entender a dinâmica da sala de aula para que possam tomar decisões importantes para o funcionamento e a garantia da qualidade escolar, cabendo aos responsáveis confiar nas decisões e na experiência da escola para garantir tais parâmetros;
2. Devemos também conversar com os estudantes, fazer perguntas simples e diretas, como “o quanto você aprende nessa aula?”, “você costumam se comportar como o professor espera?” “como você organiza seu tempo nessa aula”, observem que temos perguntas aqui que somente os estudantes podem responder;
3. Devemos ouvir os pais e entender o que eles esperam das escolas. Amanda Ripley cita que as maiores potências educacionais apresentam pais que concordam que uma educação mais rigorosa será capaz de fazer com que seus filhos aprendam mais, além de que a parceria entre escola e família é essencial para garantir uma aprendizagem de qualidade, mas sempre com limites, pois, segundo a autora “pesquisas mostram que os pais mais ativos nas escolas dos filhos não são os que criam os filhos mais inteligentes”;

4. Devemos ignorar, na medida do possível, os chamados “objetos reluzentes”. Aqui cito uma das passagens da autora que mais me impressiona: “quando você procurar uma educação de primeira qualidade, lembre-se de que pessoas são sempre mais importantes do que objetos.”. Ela está se referindo ao papel que a tecnologia vem ocupando, cada vez mais, na educação de nossos jovens, ao contrapor os dados apresentados pelas principais potências mundiais de que ao tentarem avançar demais a tecnologia na escola, viram que os resultados foram cada vez mais insatisfatórios e, assim, muitas optaram por retomar aspectos como o papel, mesclado à tecnologia. Devemos sempre nos lembrar de que a tecnologia, na escola, está a serviço da educação e não ao contrário;

5. Os pais devem fazer perguntas difíceis aos gestores educacionais. É claro que as duas figuras centrais no processo de ensino-aprendizagem são o aluno e o professor, mas, ao escolher a escola dos seus filhos, os pais não têm um contato imediato com a figura dos professores e sim com os gestores, sendo essencial realizar perguntas-chave para que possa tomar a melhor decisão, como “como você escolhe seus professores?” “o que você faz para tornar seus professores ainda melhores?” “como você mede o seu sucesso?” “de que forma você se certifica de que o trabalho está suficientemente rigoroso?” “como você continua elevando o nível de exigência para descobrir do que os alunos são capazes?”.

O Colégio Sion vem buscando, cada vez mais, dar a atenção necessária a cada um dos pilares citados acima. Nossa prática envolve observar e ouvir os estudantes para que possamos fazer diagnósticos recorrentes da nossa estrutura pedagógica, bem como os pais, para ajustarmos as possibilidades e os objetivos da educação aqui oferecida. Por fim, buscamos organizar a nossa prática pedagógica com base nas principais metodologias e tendências educacionais, desde que provadas e estudadas, para que possamos alcançar resultados que nos coloquem entre as principais escolas do país.

Eduardo Peroli Jr. é coordenador pedagógico do Colégio Sion e professor, com mestrado e doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É autor de diversos artigos na área educacional e de livros, como “Alfabetização e Letramento” e “Texto, Discurso e Ensino de Língua Portuguesa”, ambos pela Editora Senac.